**TEALOGIA:**

**Um imaginário noturno**

***Lídia Maria da Costa Valle***[[1]](#footnote-1)

**Grupo de Trabalho (GT) : GT 11: Ensino Religioso, Cuidado Espiritual e Saúde: (re)descobrindo confluências**

**Resumo**

O presente trabalho trata do imaginário básico da Tealogia, um neologismo que se traduz como estudo da Deusa. *Tea* significando Deusa e *logia*, estudo ou razão divina. Este termo foi cunhado por volta da década de 1970 por autores estrangeiros e todo seu imaginário e práticas espirituais foram se tornando cada vez mais complexos com o passar do tempo, chegando até o Brasil. Para se compreender seu imaginário básico, analisou-se a narrativa de algumas teálogas sob a luz da teoria do Imaginário de Gilbert Durant, mais especificamente o Regime Noturno da Imagem. Os resultados do trabalho foram feitos de forma qualitativa e descritiva, com intuído de elucidar essa forma de crença ainda pouco explorada nos meios acadêmicos.

**Palavras-chave:** Tealogia, Deusa, Imaginário, Regime Noturno, Sagrado Feminino.

**1 Introdução**

A Tealogia, onde o termo significa estudo da Deusa, de Tea = Deusa e logia = estudo. Seria um estudo análogo a Teologia comumente conhecida, o estudo de Deus, entretanto, voltada para uma divindade feminina, suprema e criadora. A palavra Tealogia pode também ser traduzida como Tea, θεά = Deusa e logia ou logos, λόγος (plural logoi), que significa 'palavra, razão, plano'. Na filosofia e teologia gregas, então, Teologia significava a razão divina implícita no cosmos. Desse modo, o termo Tealogia seria a contraparte feminina do cosmo e o funcionamento de seus princípios.

A gráfica da palavra Deusa, com “D” maiúsculo, começou com o movimento da Bruxaria Moderna no início do século XX, entretanto, se expandiu posteriormente, vindo para as Américas na década de 70 e, especificamente, para o Brasil a partir de 1990 (RUSSELL; BROOKS, 2008). A Deusa é comumente conhecida como Mãe-Terra, Deusa da natureza, ou Deusa Tríplice da Lua, dentro da crença desses grupos, mas é importante ressaltar que existem muito mais características do imaginário, símbolos e narrativas mitológicas sobre Ela.

Por volta do final dos anos 70, nos Estados Unidos, surgiu a Tealogia (estudo desta Deusa), no qual o imaginário da Tealogia em si ganhou contornos definidos. A Tealogia nasceu a partir de autoras dos Estados Unidos, com contribuição de algumas autoras europeias, onde obteve grande repercussão e, por conta disso, toda literatura sobre o tema está na língua inglesa.

Do termo Tealogia existe outro termo derivado chamado Theasofia (Teasofia), do significado de Thea/Tea que é ‘Deusa’ e Sophia/Sofia que é Sabedoria ou Saber. A Teasofia engloba também os saberes e práticas tradicionais das mulheres ao longo das eras e religiosidades do mundo, acreditando serem elas manifestações da própria Deusa, principalmente o que diz respeito às mulheres das antigas civilizações tidas como “pagãs”. Convencionou-se chamar tais práticas também de espiritualidade feminina, a qual ensina saberes lunares (por vezes solares), ciclos uterinos, ciclos da Terra, práticas de curandeiras, erveiras, parteiras, tecelãs, xamãs, oraculistas, astrólogas, tarólogas, yogues femininas, druidesas, pítias, entre outras (GOLDENBERG, 1979). A Teasofia se compõe, além desse conjunto de sabedorias antigas, de um conhecimento que hoje engloba ciência, política, psicologia, mitologia, estudo comparado das religiões e afins (RAPHAEL, 2000).

Além de estudar a existência da Deusa como criadora, suas características divinas e sua relação com a humanidade e com as culturas, a Tealogia estuda também a mudança de paradigma social, cultural, comportamental, ritualístico e até da relação do ser humano com o divino e com o seu próprio corpo que ocorre no seu discurso. Quando se entende que no princípio criador possa existir uma Mãe, não somente um Pai, a mudança de imaginário e paradigma torna-se notável e inevitável.

Esse novo conceito religioso, a Tealogia, tem crescido no Brasil e no mundo, por ser uma área muito rica de conhecimento, pois se originou a partir de várias fontes da psicanálise, da mitologia, da história das religiões, da arqueologia e, principalmente, das próprias experiências religiosas das autoras criadoras.

É importante destacar que o movimento literário da Deusa tem crescido bastante, e muitas práticas religiosas têm aderido aos conceitos e vivências propostas nessas literaturas. Deu-se, então, uma proliferação de novos insights em relação a natureza da Deusa, provenientes das próprias atividades em grupo, e a forma de cultuar essa suposta Grande Deusa tornou-se cada vez mais complexa e multifacetada, alimentando novamente a produção literária.

Entretanto, para aqueles que observam a literatura da Deusa, é possível notar a existência de um imaginário central que tem unido todas essas literaturas em torno da Tealogia, mesmo que possa haver algumas discordâncias entre certos autores. Tal fenômeno é passível de serem investigado e pontuado. Sendo este o objetivo do presente trabalho, a saber: analisar qual a base do imaginário da Tealogia. Para tanto, é necessário um estudo sobre a Tealogia em suas principais fontes, sob a luz das teorias do Imaginário, mais especificamente os regimes Diurno e Noturno do antropólogo francês Gilbert Durand (1921 – 2012).

**2 Fundamentação teórica**

O Imaginário é, para Gilbert Durand, a representação de mundo criada pelas imagens mentais impressas na cognição humana pelas suas motivações simbólicas. Para entender essas motivações, Gilbert desenvolve, a partir da reflexologia e do desenvolvimento da tecnologia pelos seres humanos, a teoria dos Regimes da Imagem. Segundo Durand (2012, p. 58), a primeira dominante, postural, estaria ligada a um sistema masculino, onde as armas tem ligação com o falo do homem e com uma imagem uraniano-solar, constituindo o que ele denominou de Regime Diurno da Imagem. Esse regime representa, simbólico e religiosamente, a saga do Herói: a lutas contra animais míticos – símbolos teriomórficos –; com antítese em relação à noite e à morte, símbolos nictomorfos, busca-se uma superação da angústia da finitude, símbolos catamórficos, através da ascensão e do desprendimento da matéria. E, segundo o francês, onde há ascensão, há queda. Os mitos ligados a esse regime, geralmente, exprimem a criação da terra através de um comportamento humano que fora desaprovado, na origem do cosmo, com sua consequente queda e manifestação na materialidade. O retorno ao sagrado se daria, então, pela purificação e elevação para a configuração original perdida. Esse regime é representado, principalmente, pelas imagens de deuses uranianos, o céu, o sol, o dia, a luz, a pureza, a ascensão, o mago, a elevação, o guerreiro, armas e agressividade.

A segunda dominante, segundo Durand (2012, p. 58), estaria relacionada a um sistema feminino, tendo ligação com o sistema digestivo, a amamentação, o corpo feminino e o útero, ligada à criação de utensílios continentes: taças, bacias, panelas etc., como reflexo da forma uterina. A terceira dominante sexual seria a união de ambos, masculino e feminino, porém por também estar ligada à satisfação do corpo – alimentação-digestão-sexualidade-ventre – tem relação direta com a segunda dominante. As duas dominantes, 2ª e 3ª, refletem uma imagem ctônica-lunar, formando o que Durand chama de Regime Noturno da Imagem. A sexualidade e a morte têm relação simbólica uma com a outra e, aqui, desenvolve-se o lado afetivo das imagens da noite e da temporalidade. Ele afirma que ambos os regimes buscam a eternidade, todavia, enquanto o diurno a busca pela superação do tempo e matéria, o regime noturno vê na própria morte e na eterna reencarnação o infinito da vida. Dessa forma, esse regime expressa que no devir está a eternidade e o sagrado.

**3 Metodologia**

O presente trabalho é de natureza bibliográfica e descritiva. Na revisão bibliográfica, buscar-se-á compreender os princípios e crenças básicas da Tealogia, a partir do relato das próprias autoras e criadoras dessa narrativa espiritual, analisando o imaginário básico da Tealogia, sob a luz dos Regimes da Imagem de Gilbert Durand.

As conclusões deste trabalho terão um caráter qualitativo e descritivo. Triviños (1987) aborda pesquisas qualitativas, para as quais ele apresenta cinco características:

1º) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; 2º) A pesquisa qualitativa é descritiva; 3º) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; 4º) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente; 5º) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa [...] (TRIVIÑOS, 1987, p. 130 apud TOLEDO; GONZAGA, 2011, p. 129).

Como visto acima, a pesquisa descritiva é derivada da qualitativa, sendo seu principal intuito o significado. A análise do imaginário levará ao significado da Tealogia, alguns desdobramentos e características gerais. A Tealogia forma uma teia complexa e expressiva nascida de mentes criadoras, de reflexões simbólicas e literárias, novos testemunhos, novas narrativas e de novos ritos.

**4 Resultados e Discussão**

Analisando o imaginário presente na Tealogia, percebe-se que ele é formado pelo Regime Noturno da Imagem, entretanto, algumas características do Regime Diurno podem se apresentar de forma auxiliar ou secundária. O trabalho da teóloga européia Patrícia Iolana teve grande contribuição para o estudo da Tealogia. Em seu ensaio de 2011, ela trouxe uma extensa definição de Tealogia feita, em 2010, por Ângela Hope, fundadora do *Institute for Thealogy and Deasophy*, a qual foi parcialmente transcrita a seguir:

Tealogia diz respeito à investigação sobre o significado e a natureza da(s) Deusa(s) ou do Sagrado Feminino; o significado e a natureza das formas de vida e do universo em relação com o Divino/Divindades; e/ou compreensões feministas do Divino que são pós-kyriarchais. (HOPE, 2010 apud IOLANA, 2011, p. 16)

Todas as considerações trazidas por Hope sintetizam e refinam as definições construídas pelos autores anteriores à criação de seu Instituto. Ela aborda pontos cruciais na sua definição, como a questão da natureza viva, do Sagrado Feminino, do politeísmo das deusas, a questão da Grande Deusa, etc. A pesquisadora Sabrina Alves (2011), a se apoia nos trabalhos de Ângela Hope, e mostra como o conceito de Tealogia e Deasofia é afinado com a ideia de uma espiritualidade a partir da corporeidade e natureza física, mostrando ter um imaginário estruturado a partir do Regime Noturno da Imagem, proposto por Durand (2012). O trabalho de Sabrina é sobre corporeidade feminina, círculo de mulheres e a nova espiritualidade que nasce a partir desse novo paradigma. No capítulo final de sua dissertação, ela traz uma breve discussão sobre Tealogia e sua relação com a corporeidade das mulheres. Segundo a pesquisadora:

a "sabedoria feminina" que estaria não só na mente mas também do corpo, sinalizando a importância da experiência incorporada, o papel e o valor da subjetividade na construção do conhecimento. Pretende investigar a sabedoria da deusa nas formas de vida com uma lente pós-patriarcal e pós- hierárquica embora busque encontrar tal manifestação também nas antigas religiões. (ALVES, 2011, p. 120)

Na citação acima, vê-se que a pesquisadora menciona uma Tealogia pós-hierárquica, que engloba todas as formas de vida em seus símbolos e sabedoria. E nessa busca do feminino divino nas antigas religiões, as principais foram as culturas célticas, nórdicas, greco-romanas, egípcias, mesopotâmicas, hindus e as culturas americanas pré-colombianas. É comum encontrar nas iconografias antigas, as deusas acompanhadas de algum animal ou planta (Atena com uma coruja, Hera e um pavão, Ártemis e um cervo, etc.), reforçando a ideia de imaginário integrado ao mundo biológico como ponte de conexão com as divindades e o sagrado.

A psicanálise junguiana teve um papel primordial no conceito de Grande Deusa, ou Grande Mãe, na modernidade. A partir da década de 50, psicanalistas como Erich Neumann (1905-1960) e Marie-Louise von Franz (1915-1998), trouxeram o conceito de arquétipo do feminino universal, analisando antigos contos de fadas e mitologias, propondo, assim, a ideia de uma Grande Mãe da qual as deusas das várias culturas eram apenas arquétipos menores. Outras descobertas arqueológicas, feitas na década de 70 em diante, de milhares de Vênus Paleolíticas, teorizaram também sobre uma Deusa primordial, única e pré-histórica, da qual todas as outras deusas do politeísmo viriam posteriormente (BEZERRA, 2017).

Todas essas narrativas vieram buscando o que as deusas do antigo politeísmo tinham em comum. Uma das características que foi proposta foi a triplicidade da Deusa em seu aspecto lunar, como donzela (lua crescente), mãe (lua cheia) e anciã (lua minguante). Ideia essa que já tinha sido apresentada por Robert Graves em *White Goddess* (1948) e foi reiterada por tais estudos e discursos supracitados (da psicanálise e da arqueologia). Na investigação da natureza da Deusa, encontrou-se mais pontos em comum entre as deusas das mitologias mundiais, sendo a principal: o fato de quase sempre existir uma deusa ou faceta de Mãe-Terra entre elas (BEZERRA, 2021). Essa deusa estava sempre ligada as estações do ano, aos ciclos biológicos da Terra, às colheitas, à abundância, prosperidade, à cura, à existência material dos seres vivos e, por consequência, à corporeidade humana.

O corpo humano torna-se, então, sagrado na Tealogia, pois é visto como o receptáculo da alma e/ou a própria materialização do espírito e, muitas vezes, nem é considerada uma grande separação entre espírito e matéria. Existem vários exemplos de ritualização através do corpo, entre elas: yoga, danças, alongamentos, meditações com os chacras, visualizações criativas, mantras, canto, entre outras práticas que utilizem o corpo-espírito como foco. Dentro dessas manifestações espirituais do corpo, tem-se em destaque o corpo das mulheres, o útero, o ciclo menstrual, a gestação e o parto de uma nova vida, os quais são sacralizados e ritualizados (ALVES, 2011). Nesta perspectiva, o útero, visto como manifestação da Deusa, é simbolizado por um caldeirão, cálice ou qualquer outro recipiente considerado sagrado, integrando tal ritualística, mais uma vez, ao Regime Noturno da Imagem.

Partindo desse princípio da corporeidade espiritualizada, formou-se um antagonismo em relação a Teologia ortodoxa, na qual a matéria tem espaço secundário e pouco religiosa. Enquanto os teólogos procuravam entender o incognoscível, o transcendente, o abstrato, o mundo das ideias e a razão suprema na sua busca de Deus, a Tealogia coloca de volta os pés na Terra e procura entender a Deusa (e o Deus seu consorte) através da matéria palpável, da natureza, das propriedades vegetais, dos fluidos corporais, dos astros visíveis e dos fluxos de energia mensuráveis. Sabrina Alves cita, em seu trabalho, uma passagem da teáloga Carol P. Christ sobre esse tema:

A reflexão de Christ teria como intuito a busca da compreensão das experiências da deusa ou deus-ela nos indivíduos que usam suas próprias formas individuais para homens e mulheres “para articular uma compreensão radicalmente nova do poder divino e humano na rede da vida” (CHRIST, 2005, p. 28 apud ALVES, 2011, p. 131)

Sendo que a existência do invisível e transcendente, para a Tealogia, não é negado, é também real, porém trata-se de um espelho do que é visível e natural, ou uma espécie de extensão, em via de mão dupla, da natureza conhecida. Ou seja, o mundo das energias pode ter criado esse mundo material, mas ainda guarda uma semelhança com o que foi materializado. Seríamos, então, uma extensão dessas energias e elas uma extensão de nós.

A Grande Deusa, então, reuniu em si tais características: ser lunar e tríplice e, ao mesmo tempo, ser a própria Terra. Podendo ser adorada em forma de Mãe-terra, mas também como Deusa do céu noturno e infinito, Senhora das estrelas. Nas tradições europeias, essas duas faces são bem evidentes, onde a Deusa tida como Mãe-terra é a Senhora da natureza e vida biológica, entretanto, como Deusa estelar, Ela tem a face de Mãe da alma, Senhora do além-mundo, Deusa da iluminação (LASCARIZ, 2017).

**5 Considerações Finais**

Conclui-se, então, que a Tealogia traz um apanhado extenso sobre várias mitologias, de várias culturas diferentes, principalmente das antigas civilizações politeístas. Ela buscou reunir as diversas deusas em torno de um único e multifacetado saber, cruzando mitologias e buscando o que todas essas deusas poderiam possuir em comum. Obviamente, essa forma de síntese sempre recebe várias críticas, assim como o próprio estudo comparado das religiões sempre recebeu. Entretando, para os praticantes e adeptos dessa fé, essas proximidades mitológicas são o combustível da sua escrita e da sua crença.

Este trabalho buscou mostrar, por um viés acadêmico, que essa unificação de mitologias, aparentemente arbitrária, só foi possível graças a um elemento unificador, o qual foi aqui identificado como o Regime Noturno da Imagem, proposto pelo antropólogo francês Gilbert Durant (1921 – 2012). Todos os elementos que compõe o imaginário da Grande Deusa são noturnos, a saber: o caldeirão, o cálice, o útero, a lua, as colheitas, o regime agrário, as marés, as estrelas e a reencarnação.

A Tealogia como crença ligada a natureza, materialidade e ciclos biológicos da vida, inevitavelmente rompe com vários paradigmas e tabus como o pecado, punição, céu e inferno, tabu da menstruação, decadência e transcendentalismo.

**Referências**

ALVES, Sabrina. *Ela muda tudo que toca e tudo que Ela toca, muda: a construção de uma nova espiritualidade a partir do corpo e das fases da vida*. 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

BEZERRA, Karina Oliveira. *Wicca no Brasil. Magia, Adesão e Permanência*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

DURAND, Gilbert. *Estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GOLDENBERG, Naomi. *Changing of the Gods - feminism & the end of traditional religions*. Toronto: Beacon Press Books, 1979.

‘IOLANA, Patricia. RADICAL IMAGES OF THE FEMININE DIVINE: WOMEN’S SPIRITUAL MEMOIRS DISCLOSE A THEALOGICAL SHIFT. In: ‘IOLANA, Patricia; TONGUE, Samuel (org.). *Testing the Boundaries: Self, Faith, Interpretation and Changing Trends in Religious Studies*. UK: Cambridge Scholars Publishing, 2011. p. 13-21.

LASCARIZ, Gilberto de. Ritos e Mistérios Secretos do Wicca. Um Estudo Esotérico do Wicca Tradicional. São Paulo: Madras, 2017.

RAPHAEL, Melissa. *Introducing Thealogy – discourse on the goddess*. Sheffield – England: Sheffield Academic Press, 2000.

RUSSELL, Jeffrey; BROOKS, Alexander. *História da Bruxaria*. Tradução Álvaro Cabral, William Lagos. São Paulo: Aleph, 2008.

TOLEDO, Cézar; GONZAGA, Maria. *METODOLOGIA E TÉCNICAS DE PESQUISA NAS ÁREAS DE CIÊNCIAS HUMANAS*. Maringá: Eduem, 2011.

1. Doutoranda em Ciências das Religiões na UFPB. Contato: lidiavalle1@hotmail.com. [↑](#footnote-ref-1)